

# CIÊNCIA E PRECONCEITO: A EXPERIÊNCIA DO HOSPÍCIO NA OBRA DE LIMA BARRETO

**Aluna: Mariana Lapagesse de Moura**  
**Orientadora: Margarida de Souza Neves**

## Introdução

O relato sobre as experiências das internações de Lima Barreto no Hospital Nacional dos Alienados possibilita um mergulho profundo no cotidiano de um mundo propositalmente construído à parte da sociedade, no qual a arquitetura da instituição, minuciosamente planejada, evidencia o objetivo de exclusão daqueles considerados como perturbadores da ordem social. O ato de exclusão que o autor sofreu e a maneira pela qual ele o compreende estão ligados a uma rede de interpretação que relaciona entre si a loucura e o malefício, podendo ser igualmente estendida à epilepsia, então considerada como uma doença mental.

## Objetivos

Tendo como base a análise da obra póstuma de Lima Barreto, *Diário do Hospício – O Cemitério dos Vivos*, verificar de que forma sua experiência no universo da arquitetura manicomial nos mostra como as instituições são construídas embasadas nos valores que atravessam a sociedade naquele momento e como, ao mesmo tempo, suscitam questionamentos à medida que esses valores se modificam com o passar do tempo.

## Metodologia

O Hospital de D. Pedro II inaugurado em 1852 e vinculado à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro foi uma forma de concretização das idéias sobre alienação que surgiam no século XIX. A cura de diversas moléstias estava relacionada a um ambiente tido como saudável porque distante da cidade, onde a separação entre homens e mulheres, os mais e os menos violentos e perigosos era necessária. A loucura, já considerada uma doença mental, postulava então instituições que deveriam retirar de circulação, sob a égide da ciência, os que perturbavam a ordem das ruas. Teoricamente, o conceito de instituição total [1] permite compreender como os hospícios regulam a vida dos indivíduos em todos os níveis, e evitam o contato com o mundo exterior cujas regras são outras. Neste sentido, a exclusão possui um caráter de aprendizado de novas regras que permite a administração das vidas dos pacientes. Lima Barreto foi internado no Hospício Nacional dos Alienados, como o hospital passou a ser chamado depois da república e de sua separação da Santa Casa. Sua passagem pelo Pavilhão de Observação, criado em 1892 com o objetivo de receber os novos pacientes – miseráveis e indigentes - enviados pela polícia, e pela seção Pinel, onde ficavam os mais pobres, demonstra como uma instituição total age na vida dos indivíduos. A obrigatoriedade de um uniforme padronizado, assim como os quartos coletivos e outras práticas, anulam o indivíduo para que sua identidade se baseie unicamente em sua condição de interno, pois as regras institucionais substituem as regras sociais. Os mais abastados, chamados pensionistas porque pagavam pela sua internação, eram estabelecidos na seção Calmeil e podiam usar suas próprias roupas e terem acesso a uma biblioteca.

Lima Barreto entende que a fronteira entre a razão e a irracionalidade é pouco conhecida também pelos médicos. Esta sua posição pode ser interpretada como uma tentativa de entender a sua própria internação [2], contribuindo para a análise do pensamento acerca da

loucura e também da epilepsia, então tida como uma “nevrose”. O autor foi internado pelo alcoolismo e em alguns momentos admite que a loucura pode ser causada pelo vício, apesar de questionar a sua permanência na instituição. Os seus “delírios”, por não serem constantes, não poderiam ser considerados loucura. Para ele esses seus delírios provêm do álcool, mas em uma interpretação mais profunda e pessoal, culpa a sua condição profissional e privada precárias. Entretanto, ao refletir sobre a loucura e o ambiente institucional, conclui que existem vários tipos de loucura causados por diferentes fatores. A existência de um pavilhão somente para os epiléticos nos leva a pensar erroneamente que a epilepsia seria um dos tipos de loucura. Porém, esta prerrogativa não se aplica. Vejamos o raciocínio de Lima Barreto: ao narrar no romance *O Cemitério dos Vivos* a condição do filho de Vicente Mascarenhas, que havia sofrido de crises de convulsão aos cinco anos, cita a sua impossibilidade de aprender a ler e a escrever. Para o autor, algumas causas da loucura podem ser justamente a deficiência de inteligência e instrução e, portanto, a epilepsia não seria uma forma de loucura, mas poderia levar a ela.

Metodologicamente, a análise do livro *O cemitério dos vivos* permite aprofundar a relação, na medicina de então, entre epilepsia e loucura: “Segundo depreendi, as seções principais do Hospício propriamente são quatro: Pinel e Calmeil, para homens; e Morel e Esquirol, para mulheres. Além destas, há outros especiais, para epiléticos, para crianças retardadas, hígidas e epiléticas, para tuberculosos, etc.” [3]. A disposição dos pacientes, separados de acordo com o gênero, idade e doença, obedecia ao que era considerado novidade médica. Contudo, há vestígios que remontam ao período medieval no que diz respeito ao processo de exclusão. Lima Barreto chama de reclusão e seqüestro a internação dos doentes. Para ele este tratamento que existia desde a Idade Média e, por isso obsoleto, é sintoma de que os médicos pouco avançaram no que sabem sobre as *nevroses*. A exclusão é uma prática que remonta ao período medieval, que no caso da epilepsia estava diretamente relacionada à possessão demoníaca através das manifestações da crise. Entretanto, a sociedade do século XIX baseada na racionalidade irá perpetuar esta prática baseada em outros pressupostos. A ordenação da sociedade terá que passar necessariamente pela ordenação das ruas e, por isso, o epilético com o seu corpo desordenado não tem mais lugar no convívio social.

### Conclusões

A lógica excludente é uma constante na história brasileira. O Hospital Nacional dos Alienados é uma das instâncias de exclusão institucionalizada, e foi chamado por Lima Barreto como o *Cemitério dos Vivos*. Segundo Magali Engel, para o autor, a loucura como “ausência de luz”, “sombra” e “treva absoluta” estava relacionada à morte porque no hospício os indivíduos eram reclusos para esperar a morte, seja literal ou metafórica. Entretanto, pode-se adicionar a esta interpretação a relação entre loucura e o mal. A “ausência de luz” e as trevas relacionam-se ao malefício e, portanto, o hospício seria o lugar onde se encontram aqueles tocados pelo mal. O mal demoníaco da Idade Média revestido pela ciência no século XIX, centra-se na figura do doente que agora encarna o próprio mal.

### Referências

- 1 – GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- 2 – ENGEL, Magali Gouveia. “A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto”. In: CHALHOUB, Sidney (org). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: Capítulos de História Social*. Campinas: Unicamp, 2003. pp. 57 – 98
- 3 – LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Diário do Hospício – O Cemitério dos Vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993. p. 176.